

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE O *BULLYING* ESCOLAR¹

THE PERCEPTION OF TEACHERS ON SCHOOL BULLYING

**Raquel Flores de Lima², Márcia Elisa Jager³, Danielle da Costa Souto⁴,
Carlos Alberto Decimo Martins⁵ e Ana Cristina Garcia Dias⁶**

RESUMO

Este estudo busca conhecer a percepção de professores do ensino público estadual de Santa Maria - RS sobre o “*bullying*” escolar, seus fatores desencadeantes e a presença de orientações sobre como lidar com este problema durante sua formação profissional. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez professores, com idade entre 30 e 50 anos, que possuíam cinco anos de docência ou mais. Todos os participantes trabalhavam com crianças na faixa etária entre 10 e 14 anos. As informações foram submetidas à análise de conteúdo. Alguns professores demonstraram conhecimento sobre o “*bullying*”, porém não se sentem preparados para lidar com o problema e consideram que existe a necessidade de uma maior formação para a realização de ações preventivas e interventivas. Os fatores destacados pelos professores como desencadeantes do “*bullying*” são: a mídia, as relações familiares disfuncionais e alguns aspectos sociais e culturais presentes no cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: comportamento, violência escolar, atitude do professor.

ABSTRACT

This study seeks to understand the perception of public state school teachers in Santa Maria, RS, on school bullying, the triggering factors and the presence of guidelines on how to deal with this problem during their professional formation. We performed a semi structured interview with ten teachers from 30 to 50 years old who have five years of teaching or more. All participants worked with children aged between 10 and 14. The data were subjected to content analysis. Some teachers demonstrated some sound knowledge of school bullying, but they do not feel prepared to deal with the problem and they consider that there is a need for more training for performing preventive and interventional actions. The factors highlighted by teachers as triggers of bullying are: the media, dysfunctional family relations, and some social and cultural aspects in the daily lives of students.

Keywords: behavior, school violence, teacher's attitude.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: quel_fl@yahoo.com.br

³ Coautora. Docente no Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: marciajager@yahoo.com.br

⁴ Coautora - Discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: daniellessouto@hotmail.com

⁵ Orientador - Centro Universitário Franciscano. E-mail: carlosdecimo@terra.com.br

⁶ Coorientadora. Docente no Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: anacristinagarciadias@gmail.com

INTRODUÇÃO

As escolas vêm se deparando com o desafio de administrar conflitos gerados por diferentes formas de violência, entre as quais se destaca o “*bullying*” (FANTE; PEDRA, 2008). A expressão “*bullying*” é empregada para explicar um fenômeno relacional, caracterizado pela presença de comportamentos agressivos, cruéis, intencionais e repetitivos. A persistência destes comportamentos acontece de maneira hostil, repulsiva e intimidadora contra uma mesma pessoa ou grupo, ocorrendo principalmente nos períodos da infância e adolescência (WYNNE; JOO, 2011; ALMEIDA, 2008).

As escolas que não admitem a ocorrência de “*bullying*” entre seus alunos possivelmente desconhecem o problema ou negam seu enfrentamento (SCHULTZ et al., 2012). Muitas vezes, este tipo de violência é comumente confundido com brincadeiras consideradas “próprias da idade”. Esta confusão pode levar à banalização da agressão e a minimização de suas consequências, tanto para quem pratica quanto para quem sofre o “*bullying*” (FANTE, 2005).

Para a criança que sofre o “*bullying*” (vítima), as principais consequências podem ser retratadas pelo desinteresse pela escola, déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento escolar, absentismo e evasão escolar (SILVA, 2010a; FANTE, 2005). Já para a criança que pratica o “*bullying*” (agressor), as possíveis consequências podem ser, entre outras, o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares e a valorização da violência como forma de obtenção de poder (FANTE, 2005; LIANG; FLISHER; LOMBARD, 2007).

Ainda existem as crianças que são vítimas e também agressores (denominadas vítima/agressor). Elas podem apresentar alterações psicológicas, como a depressão e a ansiedade (SCHWARTZ, 2000), além de insegurança ou alguma outra inadequação de comportamento (LOPES NETO, 2005). Estas crianças também apresentam maior frequência de problemas de conduta, problemas escolares, problemas com os pares, sintomas psicossomáticos e psicológicos (LIANG; FLISHER; LOMBARD, 2007).

O pouco ou nenhum conhecimento sobre a forma como o “*bullying*” se apresenta e se propaga pode contribuir com a omissão de casos. Esta omissão, frequentemente, não é por negligência, mas por ausência de preparo profissional e falta de informação sobre como atuar na resolução do problema (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Neste trabalho se busca conhecer a percepção dos professores sobre o que é o “*bullying*” escolar e seus fatores desencadeantes. Ainda se busca identificar a relação entre formação acadêmica e o conhecimento dos professores sobre técnicas preventivas e interventivas em casos de “*bullying*”.

METODOLOGIA

Este estudo possui um delineamento qualitativo e exploratório, uma vez que se pretende investigar fenômenos particulares pouco conhecidos e/ou investigados e que perpassam opiniões, crenças

e atitudes singulares (STRAUSS; CORBIN, 2008). Foram participantes deste estudo 10 professores de três escolas públicas estaduais de Santa Maria-RS, escolhidos por conveniência. Os participantes tinham idades entre 30 e 50 anos e possuíam cinco anos ou mais de docência. Todos trabalhavam com crianças na faixa etária de 10 a 14 anos.

O instrumento utilizado para a coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada, baseada na literatura sobre o tema e construída especialmente para este estudo. As questões norteadoras investigaram, principalmente, aspectos sobre o conhecimento dos professores a respeito do termo “*bullying*”, as formas de ocorrência de “*bullying*” mais observados em sala de aula e a opinião dos participantes sobre os fatores desencadeantes deste tipo de violência escolar. Ainda, buscou-se identificar a presença (ou não) de capacitação, sobre ações preventivas e interventivas possíveis para resolver o problema durante a formação acadêmica dos professores. As entrevistas foram gravadas e após a transcrição, apagadas na íntegra.

Este estudo contou com a autorização da 8ª Coordenadoria Regional da Educação de Santa Maria-RS. Foram respeitados todos os aspectos éticos exigidos pelas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos (Parecer nº 105/2006, com a Resolução 196/96, do Conselho Regional de Saúde/MS, de 10/10/1996). A fim de que se possa garantir o sigilo da identidade dos participantes, os mesmos serão identificados ao longo do estudo como P1, P2, P3 e assim sucessivamente. Para a análise das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo temática. Neste tipo de análise, após a coleta de dados deve haver uma organização, transcrição, ordenação, codificação e categorização dos dados para, a partir de então, proceder a análise e interpretação em unidades temáticas (BARDIN, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de categorização das informações coletadas foi realizado a partir do agrupamento das perguntas utilizadas na entrevista que investigavam aspectos similares. Este processo permitiu a identificação de três categorias: (1) O que é “*bullying*”; (2) Fatores desencadeantes do “*bullying*” escolar e (3) A prevenção e as estratégias de controle do “*bullying*” na formação do professor.

O QUE É “*BULLYING*”?

Esta categoria discute a opinião e os conhecimentos prévios dos professores sobre o termo “*bullying*” e os comportamentos que caracterizam este tipo de violência escolar. Todos os professores entrevistados demonstram conhecer o termo “*bullying*” e seus comportamentos característicos.

[...] “*bullying*” é um termo que vem do inglês e tem a ver com a forma das pessoas, tanto entre adultos, quanto entre crianças e jovens, se tratarem de uma forma agressiva ou verbalmente agirem de forma agressiva e também se agredirem fisicamente. (P8)

O termo “*bullying*” compreende um fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é sistematicamente exposto a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos) que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional e repetida. Estes atos se caracterizam por insultos, intimidações, apelidos cruéis, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão. Além disso, observa-se a presença de danos físicos, morais e materiais. Estas atitudes agressivas são protagonizadas por um ou mais agressores e frequentemente causam na vítima dor, angústia, medo e baixa autoestima. Comumente, estas situações acontecem dentro de uma relação desigual de poder e ausência de reciprocidade. A vítima possui pouco ou quase nenhum recurso para evitar a e/ou defender-se da agressão (GUARESCHI; SILVA, 2008; XAVIER, 2008). A relação de desigualdade de poder presente no caso de “*bullying*”, muitas vezes, surge pelo fato de o agressor ser mais forte, ter condições financeiras melhores ou ser mais desenvolvido em algo específico, por ter apoio dos colegas ou apenas pela fraqueza e vulnerabilidade da vítima (XAVIER, 2008).

Alguns professores acreditam que o “*bullying*” é um fenômeno que sempre esteve presente nas escolas. Entretanto, descrevem que só recentemente se começou a falar sobre o assunto.

Na verdade, este é um termo novo, para um problema bem antigo, essas agressões são comuns, acontecem com frequência nas escolas. É agredir, colocar apelido, excluir do grupo. (P1)

O “*bullying*” é uma forma de violência que sempre existiu nas escolas e que, muitas vezes, passa despercebida (FREIRE; AIRES, 2012). A violência escolar traduzida através do termo contemporâneo “*bullying*” parece existir desde os anos 70 (ZOEGA; ROSIM, 2009). Contudo, o debate público sobre este tipo de violência começou a tornar-se frequente após o massacre no Instituto Colombine ocorrido no ano de 1999, no Condado de Jefferson em Colorado (EUA). Nesta instituição ocorreram atos de extrema violência, sobre os quais há fortes indícios de motivação por “*bullying*”. Este massacre foi protagonizado por dois adolescentes que entraram na escola armados com explosivos e armas de fogo e assassinaram 12 alunos, um professor, deixaram dezenas de feridos e, em seguida, cometeram o suicídio. (ALBINO; TERÊNCIO, 2012).

No que se refere à opinião dos professores sobre os comportamentos que caracterizam o “*bullying*”, destaca-se que alguns participantes conseguem perceber os três tipos de violência presentes: física, verbal e psicológica. Entretanto, foi mais comum os professores associarem o termo com a violência verbal e psicológica praticada pelo agressor.

“Bullying” é uma forma de agressão física, psicológica também né, uma maneira de tu intimidar, de tu agredir. (P3)

Os comportamentos envolvidos no *“bullying”* caracterizam-se, principalmente, por agressões de natureza física (bater, chutar, socar, empurrar, etc.), verbal (apelidos, fofocas, xingamentos, difamações, etc.) e psicológica (pressão emocional, ameaças, indiferença, exclusão do colega de grupo) (SILVA et al., 2013; FANTE; PEDRA, 2008). Estes comportamentos estão diretamente relacionados aos papéis dos sujeitos envolvidos neste tipo de violência. Independentemente da intenção, extensão e gravidade, as ações de *“bullying”* têm um efeito imediato no bem-estar físico, emocional e social dos sujeitos envolvidos (WYNNE; JOO, 2011).

Os professores participantes deste estudo não pontuam comportamentos de crianças vítimas, vítimas/agressores e crianças testemunhas como característicos do *“bullying”*. Parece existir uma tendência em caracterizar o *“bullying”* somente pelo viés agressivo, desconsiderando o viés de quem sofre, reproduz ou compactua com esta violência. Tanto crianças vítimas, agressores e/ou testemunhas do *“bullying”* escolar estão vulneráveis a sofrer prejuízos na formação psicológica, emocional e socioeducacional. Os alunos vítimas, quando expostos por um período prolongado de tempo ao sofrimento decorrente das agressões podem apresentar dificuldade de se relacionar consigo mesmo, com o meio social e com a sua família. As testemunhas também se veem afetadas por esse ambiente de tensão podem tornar-se *“inseguras”* e temerosas, podendo desta forma comprometer sua aprendizagem escolar. Em alguns casos, elas podem vir a se tornar as próximas vítimas e/ou agressoras. Neste sentido, a atenção deve se voltar a todos os envolvidos no *“bullying”*, uma vez que o sofrimento decorrente desta agressão não se centraliza somente no agressor e/ou vítima (FANTE, 2005).

FATORES DESENCADEANTES DO *“BULLYING”* ESCOLAR

Esta categoria discute sobre a opinião dos professores a respeito dos fatores que podem desencadear o *“bullying”* no ambiente escolar. Todos os professores acreditam que os fatores desencadeantes deste tipo de violência podem estar associados, principalmente, ao contexto familiar, cultural, escolar e grupo de pares.

No que tange à família, alguns participantes descrevem que a educação e as relações interpessoais estabelecidas no âmbito familiar podem desencadear comportamentos que caracterizam este tipo de violência. Para estes participantes, crianças *“bullies”* (agressores) são carentes de modelos de referência para ensinar valores sociais importantes, tais como o respeito ao próximo, confrontá-las em relação a seus comportamentos e para lhes ensinar uma maneira diferente de se comportar.

Eu acho que tem total relação com a família, a criança repete aquilo que ela vê, se eles aprenderam a viver num ambiente que ninguém se respeita, os pais não se respeitam, os pais não respeitam os filhos, a comunidade não se respeita, eles vão repetir isso aí. (P4)

De fato, o meio familiar é percebido como o responsável por atitudes submissas ou agressivas adotadas pela criança que assume o papel de vítima ou agressor (GUARESCHI; SILVA, 2008). A criança observa como cuidadores adultos tratam a si próprios e aos outros e reproduzem este comportamento (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Se o ambiente familiar é hostil, violento e/ou negligente, provavelmente a criança aprenderá que esta é a melhor maneira de se relacionar com outras pessoas (CAMPOS; MONTEIRO; SILVA, 2010). Neste sentido, a criança que sofre/sofreu ou vivencia/vivenciou algum tipo de maus-tratos poderá repetir este tipo de comportamento na escola, uma vez que foram ensinadas a serem agressivas por modelos de referência que têm em suas vidas (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Assim, o ambiente familiar pode vir a instigar o comportamento de “*bullying*” a partir do momento em que há a imitação de comportamentos agressivos, no caso do autor do fenômeno, por meio da exposição a conflitos parentais e vivência de punição física pela criança ou adolescente (ALBUQUERQUE; WILLIAMS; D’AFFONSECA, 2013).

No que se refere à cultura, alguns professores entrevistados enfatizam os padrões culturais, tais como o padrão de beleza e de bens materiais impostos socialmente como fatores desencadeantes de “*bullying*”.

Atualmente é dado valor para aquele que tem mais, que tem assim [...] o corpo mais bonito né, para aquele que veste a roupa da moda, que veste uma calça de marca. Acho que isso tudo é porque tem que se enquadrar naquele padrão imposto, então isso também influencia os padrões culturais. (P3)

A cultura pode ser um fator desencadeante de “*bullying*”, uma vez que ela define conceitos do que é ou não aceitável em contextos específicos. Um exemplo disto são as discriminações que ocorrem mediante uma intolerância à diferença, devido padrões estabelecidos culturalmente como “normais” e ligados às crenças estereotipadas (GUARESCHI; SILVA, 2008). Portanto, o “*bullying*” escolar expressa um padrão de sociabilidade aprendido, um modo particular de relação interpessoal marcado pelo desrespeito, pelo descaso e pela negação do outro (CAMPOS; JORGEN, 2010). Neste sentido, os valores e ideais da sociedade, são, muitas vezes, valores que incentivam esta prática, como a busca por sucesso, poder, o individualismo, a competitividade e o desrespeito. Essas são características que favorecem a proliferação do “*bullying*” (FANTE; PEDRA, 2008).

A exclusão de pessoas por suas características estarem em desacordo com o aceitável pela maioria leva-nos a fazer uma ponte com a marca da sociedade contemporânea que, para Gonçalves (2005), é o individualismo. Assim, a manifestação da violência no ambiente escolar é reflexo das

próprias contradições de uma sociedade capitalista, competitiva, individualista, consumista e, principalmente, excludente e violenta (ANTUNES; ZUIN, 2008). Ainda, o ambiente escolar influencia no desenvolvimento deste tipo de violência através da qualidade das relações interpessoais entre professores e alunos. Alguns professores consideram importantes o respeito e a colaboração entre a díade.

[...] toda a influência que vem de fora; de fora que eu digo, é de fora da escola e de dentro da escola também. Porque professor que chega gritando, que chega agredindo, que não respeita o seu aluno ele está também de alguma maneira praticando “bullying”. Eu não gosto que gritem comigo porque que eu vou gritar com o meu aluno? Que exemplo que eu vou estar dando para ele? Se o professor grita comigo, eu posso gritar com ele também, mas ai vira um desrespeito, mas eu posso gritar com ele sabe? Então eu acho assim, há todo um contexto que envolve isso, social, cultural, tudo. (P6)

A escola é um espaço privilegiado para a construção da cidadania. Um convívio harmonioso entre professores e alunos deve ser capaz de garantir o respeito aos direitos humanos, evitando a manifestação da violência (FALEIROS; FALEIROS, 2007). A família e a escola têm grande importância no diálogo e na construção de uma visão mais abrangente e crítica sobre a questão da violência (OLIVEIRA; MARTINS, 2007). A escola deve cumprir o seu papel social, e uma das decisões que precisam ser tomadas é a intolerância para a prática do “bullying” (ou qualquer outro tipo de violência) no ambiente escolar (PALÁCIOS; REGO, 2006). Os profissionais da escola precisam ser capacitados para observar, identificar, diagnosticar, intervir e encaminhar corretamente os casos de “bullying”. Cabe à escola também promover atividades que estimulem a cooperação, a prática da assertividade, à empatia, o altruísmo, a solidariedade e, principalmente, o respeito ao próximo (SILVA, 2010b).

No que se refere à mídia, alguns professores consideram sua influência negativa no comportamento dos alunos.

A mídia também tem influência, essas crianças de hoje em dia, de uns anos pra cá, elas têm toda a influência dessa violência nos filmes que eles vêem, nas novelas. Então assim, o tipo de vocabulário usado, as atitudes. Hoje em dia tudo fica normal, tudo pode, né. Então a moral está muito elástica. Até os desenhos animados estão violentos, é tudo muito violento [...]. (P7)

A veiculação diária de episódios nos quais uma ou mais pessoas causam danos à outra de forma gratuita, deliberada ou vingativa, com requintes de crueldade, frieza ou destempero retratam a banalização da mídia (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002).

Estudos realizados por psicanalistas e psiquiatras no período entre 1991 a 1998 revelam que a televisão interfere de maneira prejudicial sobre a criança e o adolescente, existindo uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento das pessoas. Filmes e/ou

novelas e/ou programas jornalísticos sensacionalistas apresentam a violência como algo ‘naturalizado’, imediato, cotidiano e frequente, onde o ‘personagem violento’ é o mais forte. São frequentes as transmissões de imagens de diferentes tipos de violência com cenas de brutalidade, de assassinatos, torturas, sequestros, tiroteios, tráfico de armas e de drogas. Sem o processo de análise crítica do conteúdo televisivo, as crianças e adolescentes rapidamente captam e apreendem as diferentes “imagens da violência”, reproduzindo-as em seu meio social (FANTE, 2005).

No que se refere às relações sociais, alguns professores descrevem que comportamentos ligados à liderança excessiva e sentimentos de superioridade podem contribuir para comportamentos de “*bullying*”.

Os fatores que levam ao “bullying” [...] muitas vezes inveja, ciúmes do outro, ou querer manter uma atitude de liderança perto dos outros, pra muitos aqui é uma forma de demonstrar poder, a partir do momento que ele rebaixa o outro ele se eleva, me parece que é assim. (P2)

Os adolescentes tendem a se organizar em grupos, e esses grupos frequentemente funcionam como dispositivos que delegam um lugar para seus membros. Aqueles que se diferenciam dos padrões de conduta e comportamento impostos pelo grupo acabam sendo excluídos. Assim, muitos sujeitos suportam relações violentas entre grupos de pares, uma vez que buscam conquistar o seu lugar no grupo de iguais (GUARESCHI; SILVA, 2008; CARVALHO, 2005). Os agressores, desta forma, fazem com que suas vítimas sejam alvos que, por diferentes motivos, não conseguem se defender eficazmente das agressões. Isso faz com que os agressores consigam solidificar suas posições na hierarquia do grupo a que pertencem ou também aumentem sua popularidade entre os colegas (ROLIM, 2008).

A PREVENÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DO “*BULLYING*” NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Esta categoria discute a insuficiência de orientações durante a formação do professor sobre como identificar e intervir em casos de “*bullying*” no ambiente escolar. Alguns professores afirmam despreparo para intervir em casos de *bullying* e pontuam a importância de capacitações sobre a temática.

Sobre “bullying”, especificamente não teve nenhuma capacitação. Seria muito bom um curso específico sobre isso... Bah... E como a gente precisa. Porque, às vezes, a gente se sente impotente né. Diante dos casos, não sabe o que fazer direito. Iria ajudar bastante, seria ótimo, eu acho que o momento exige assim né, uma preparação maior, com certeza. A gente faz o que pode, tenta fazer o que pode né; mas um curso, uma formação pra nós seria excelente. (P3)

O professor que desconhece características do “*bullying*” escolar apresenta dificuldades em perceber quando um aluno está sendo vítima, testemunha ou se comportando como um agressor. Isto porque existe uma falha na formação continuada sobre as diferentes formas de violência escolar. Conhecimentos sobre estes aspectos possibilitam ao professor habilidades e atitudes para reconhecer a natureza dos conflitos ocorridos em sala de aula e discernir entre comportamentos violentos, indisciplina e brincadeiras “próprias da idade” (PINGOELLO, 2009; MARRIEL et al., 2006).

Professores preparados para agir em casos de “*bullying*” tanto na prevenção e conscientização quanto na ocorrência deste fenômeno, podem vir a auxiliar na diminuição deste tipo de violência no universo escolar (JORGE, 2009). No Brasil, existem algumas iniciativas governamentais para capacitar os profissionais da educação sobre a violência escolar. Entretanto, estes programas são voltados à violência explícita e como o “*bullying*” é uma forma mascarada de violência, ele não tem recebido destaque (PINGOELLO, 2009).

Existe apenas um programa implantado no Brasil voltado à redução da violência nas escolas. Este programa é o “Educar para a Paz”, desenvolvido na cidade de São José do Rio Preto/SP sob a coordenação da educadora e pesquisadora Cléo Fante. Neste programa, a comunidade escolar reflete sobre o “*bullying*” e outras formas de violência. Neste programa, o profissional da educação é motivado a questionar suas atitudes e posicionamento frente aos alunos e acreditar na possibilidade da transformar a escola em um ambiente sem violência. Iniciativas como essa podem oferecer direcionamentos para a promoção da saúde na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados neste estudo indicam que alguns professores possuem conhecimento sobre o “*bullying*” escolar, porém, não se sentem preparados para lidar com o problema e revelam necessidade de capacitação para a realização de ações preventivas e interventivas ao *bullying*. Entre os fatores destacados citados pelos professores como desencadeantes do *bullying* escolar, estão: mídia, relações familiares disfuncionais e aspectos sociais e culturais, entre outros.

Sugerem-se novos estudos a fim de possibilitar um aprofundamento maior sobre como os professores vivem e percebem o fenômeno do “*bullying*” escolar em diferentes contextos de ensino-aprendizagem para que desta forma possa se pensar em mais alternativas para trabalhar sobre este fenômeno no ambiente escolar que venha ao encontro das reais necessidades vivenciadas neste contexto pelos professores. Estudos com amostras representativas e que possibilite correlação entre as variáveis que interferem no fenômeno também podem trazer resultados que venham a somar em estudos na área.

REFERÊNCIAS

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAf**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 1-21, 2012.

ALBUQUERQUE, P. P. de; WILLIAMS, L. C. de A.; D’AFFONSECA, S. M. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 91-98, 2013.

ALMEIDA, A. M. T. **Bullying**: teoria, investigação e programas de intervenção. Trabalho apresentado no Curso de Bullying: teoria, investigação e programas de intervenção. Florianópolis: UFSC, 2008.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

ARONSON, E.; WILSON, T. D.; AKERT, T. M. **Psicologia Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

CAMPOS, A.; MONTEIRO, D.; SILVA, M. L. Os reflexos da violência familiar no âmbito escolar. In: ANTUNES, H. **Escola que protege**: dimensões de um trabalho em rede. Porto Alegre: Asterico, p. 75-84, 2010.

CAMPOS, H. R.; JORGEN, S. D. C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, 2010.

CARVALHO, P. P. **Bullying e subjetividade**: estudo preliminar sobre o fenômeno bullying em escola pública de Uberaba-MG. 2005. 70 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia) - Universidade de Uberaba, Uberaba-MG, 2005.

FALEIROS, V. P., FALEIROS, E. S. **A escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, 2007.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 207-219, 2005.

GUARESCHI, P.; SILVA, M. R. (Org.). **Bullying**: mais sério do que você imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

JORGE, S. D. C. **O bullying sob o olhar dos educadores**: um estudo em escolas da rede privada de Natal/RN. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

LIANG, H.; FLISHER, A. J.; LOMBARD, C. J. Bullying, violence and risk behavior in South African school students. **Child Abuse & Neglect**, v. 31, n. 2, p. 161-171, 2007.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, 2006.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, E. C. S.; MARTINS, S. T. F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 90-98, 2007.

PALÁCIOS, M.; REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 3-5, 2006.

PINGOELLO, I. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista-UNESP, Marília, 2009.

ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SCHWARTZ, D. Subtypes of victims and aggressors in children's peer groups. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 28, n. 2, p. 181-192, 2000.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, 2012.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010a.

SILVA, A. de P. Percepção de docentes a respeito da prática de bullying na escola. **Revista Facitec**, v. 4, n. 1, 2010b.

SILVA, J. L. et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

XAVIER, N. F. **Análise jurídica e psicossocial da ocorrência de bullying sob a ótica da doutrina da proteção integral**. Santiago: URI, 2008.

WYNNE, S. L.; JOO, H. Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. **Crime & Delinquency**, v. 57, n. 3, p. 458-488, 2011.

ZOEGA, M. T. S.; ROSIM, M. A. violência nas escolas: o bullying como forma velada de violência. **Revista UNAR**, v. 3, n. 1, p.13-19, 2009.